

AÇÕES DE APOIO PSICOPEDAGÓGICO E CUIDADOS AOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Adriana de Andrade Gaião e Barbosa ¹

Anna Beatryz Vieira Gonçalves ²

Beatriz Meireles Waked de Holanda ³

Anne Karoline Cantalice Sena ⁴

Andréia Dutra Escarião ⁵

RESUMO

Adentrar na universidade é um sonho de milhares de jovens adultos em busca de uma formação específica e qualificada, que visa possibilitar, em um futuro próximo, os acadêmicos a desenvolverem seus potenciais e habilidades no mercado de trabalho. No entanto, esse sonho não é tão fácil assim de ser realizado, pois atrelado a este, vários outros fatores vão surgindo e corroborando com o surgimento de problemas no âmbito acadêmico e na saúde mental dos estudantes. Todavia, é justamente na adolescência, fase caracterizada por várias e importantes transformações na vida desses jovens, que muitos outros processos de adaptação e aprendizagens acontecem, caracterizado na aquisição de novas estruturas mentais e o amadurecimento de funções essenciais para o desenvolvimento do indivíduo. Assim, com o advento da expansão das universidades, novos rumos têm sofrido a educação superior, no que tange ao acesso aos diversos cursos, a permanência desses jovens e a própria concretização do sonho: ser um profissional. Destarte, mediante as dificuldades encontradas por estes jovens frente a sua formação, ações de cuidado e apoio psicopedagógico, tem sido oferecido aos discentes que padecem de alguma dificuldade, quer seja no processo de aprendizagem, déficits de leitura, ansiedade, estresse e outros comprometimentos que interferem no seu rendimento acadêmico. Em linhas gerais, o presente projeto se destaca por pensar e possibilitar ações de cuidado e bem-estar aos discentes, possibilitando um olhar compreensivo frente as demandas dos estudantes e buscando trabalhar com os seus déficits, oportunizar estratégias e situações de cuidado e melhoria na sua aprendizagem.

Palavras-chave: Universitários, Aprendizagem, Saúde Mental, Apoio Psicopedagógico.

INTRODUÇÃO

Ao discutirmos sobre as dificuldades vivenciadas pelos estudantes dentro das universidades do país, é importante que observemos o novo cenário que começa a tomar forma com a expansão do Ensino Superior no Brasil desde os anos 90 com os programas *Expandir* e *Reuni*. Barros (2015) discute essa ampliação e as novas oportunidades de acesso à Educação Superior, mas também pontua uma questão existente nas instituições diante desse cenário,

¹ Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, dra.agaião@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, abvgviera@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, biawakedm@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, annecantalic@gmail.com;

⁵ Professora orientadora: Doutor em Linguística, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, aescario@gmail.com.

enfrentar a disparidade no número de conclusões nos cursos quando considerado o período estipulado pelos cursos. A problemática abordada pelo autor pode ser observada de forma concreta nos dados do Censo da Educação Superior (BRASIL, 2019), onde relata um percentual de apenas 12,6% de conclusão na esfera federal no ano de 2017.

O cenário citado anteriormente envolve diversos fatores que estão presentes no decorrer da vida acadêmica, que desde o ingresso, é marcado por diversas mudanças na vida do indivíduo. Segundo Teixeira et al. (2008) podem deparar-se como uma realidade com diversos desafios, que aliás podem não estar preparados para vivenciar, podendo pontuar questões referentes à adaptação as novas metodologias, responsabilidades, bem como novas relações pessoais. Um outro ponto, que antecede os anteriormente citados, deve ser observado neste novo cenário e é apontado por Silva e Conceição (2006), onde dependendo da classe social do estudante, não só o acesso como a permanência no Ensino Superior são grandes obstáculos, principalmente para aquele de origem popular.

Desde de março de 2020 o mundo tem enfrentado uma crise sanitária ocasionada por uma pandemia de covid-19, causada pelo novo coronavírus descoberto inicialmente na China em 2019. Chegamos em julho de 2021 com 195 milhões de casos e 4,18 milhões de mortes em todo o mundo. No Brasil, os números são de 19,7 milhões de casos e 553 mil mortes⁶. Diante destes números alarmantes, a educação mundial foi afetada com escolas, universidades e outras instituições de ensino fechadas, causando assim um vácuo educacional para milhões de pessoas.

Nesse hiato, houveram tentativas de criação e manutenção de ambientes de aprendizagem que poderiam amenizar o distanciamento e ausência de espaços escolares. Uma forma peculiar de ensino se desenvolveu nesse período, a saber, o ensino remoto emergencial. Arruda (2020, p.9-10) define a dinâmica do ensino remoto como um conjunto de

soluções de ensino totalmente remotas para as aulas previamente elaboradas no formato presencial, podem ser combinadas para momentos híbridos ao longo da crise, em situações de retorno parcial das aulas e quantitativo de alunos e possuem duração delimitada pelo tempo em que a crise se mantiver. A educação remota emergencial pode ser apresentada em tempo semelhante à educação presencial, como a transmissão em horários específicos das aulas dos professores, nos formatos de *lives*.

Essa modalidade capitaneou os esforços para dar continuidade ao ano letivo tentando minimizar os impactos na educação, mas por outro lado, com a emergência de sua aplicação,

⁶ Disponível em: <https://www.arcgis.com/apps/dashboards/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>. Acesso no dia 28 de julho de 2021.

seus pressupostos conceituais foram atropelados e sua aplicabilidade vem sendo posta a prova pela incapacidade real de medir o desenvolvimento de competências e habilidades em sua dinâmica de aprendizagem. Muitas vezes confundida com a educação à distância, o ensino remoto não pode ser considerado como uma extensão ou mesmo uma nova modalidade de ensino, mas sim como uma apropriação de ferramentas de conexão que atendem com mais ou menos plausibilidade aos tempos emergenciais de distanciamento em que vivemos. Arruda (2020, p. 9) nos ajuda a compreender essa diferença.

A educação remota on-line digital se diferencia da Educação a Distância pelo caráter emergencial que propõe usos e apropriações das tecnologias em circunstâncias específicas de atendimento onde outrora existia regularmente a educação presencial. (ARRUDA, 2020, p. 9).

Dividida em atividades síncronas e assíncronas, o ensino remoto emergencial vive uma inconstância de se remeter a todo momento a dinâmica presencial como horários pré-estabelecidos que simulam e nos dão uma falsa sensação de proximidade das relações escolares e por outro lado, as atividades assíncronas possibilitam a capacidade de extensão das atividades em horários disponibilizados pelos próprios discentes em sua vida privada. Alguns problemas emergem dessa dinâmica, muitos deles relacionados diretamente com aquilo que circunstancialmente nos levou até aqui, ou seja, a pandemia.

Entre esses problemas podemos apontar ao menos três: a) a ausência de treinamento adequado para o uso das tecnologias digitais para o processo de ensino-aprendizagem, b) as desigualdades sociais e a *ciberexclusão* e c) os impactos na saúde mental. No que compete a ausência de treinamento adequado para o uso das tecnologias digitais para o processo de ensino-aprendizagem, as nuances mais severas se encontram nas dificuldades na apropriação das tecnologias digitais por parte dos docentes, estando relacionada diretamente a um vácuo nas licenciaturas na formação docente em letramento digital, principalmente na alfabetização nos recursos tecnológicos. No bojo da pandemia, docentes foram forçados a uma dinâmica completamente anômala a sua prática, desta forma, foram surpreendidos por um espaço virtualizado completamente controverso e indiferente a suas ações cotidianas.

No que tange as desigualdades sociais e a *ciberexclusão*, podemos inferir que a exclusão digital na pandemia se tornou em uma nova forma de discriminação social, elevando as desigualdades e desequilibrando o acesso ao conhecimento. Dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, ainda em 2020 demonstram que 82% dos que frequentam escola ou universidade acompanharam aulas ou atividades remotas,

sendo que o telefone celular foi o principal dispositivo usado para acompanhar as aulas e atividades remotas, sobretudo nas classes D e E (54%) e mais, 36% tiveram dificuldades para acompanhar as aulas por falta ou baixa qualidade da conexão à internet. Em relação as barreiras para o acompanhamento de aulas ou atividades remotas, 38% apontam dificuldade para tirar dúvidas com os professores, 36% a falta ou baixa qualidade da conexão à internet e quando segmentamos para as classes D e E esse número sobe para 39%.

Em relação aos motivos para não acompanhar as aulas ou atividades remotas há mais de 30 dias os dados revelam que 56% precisavam buscar emprego, 48% precisavam cuidar da casa, dos irmãos, filhos ou de outros parentes, 32% faltavam equipamentos para acessar as aulas. De forma geral, a *ciberexclusão* é resultado direto das desigualdades sociais e demonstram efetivamente a incapacidade de criar espaços de conhecimento que possibilitem a efetivação de processos de ensino-aprendizagem.

Por fim, e não menos importante, o tema principal deste estudo são os impactos ocorridos na saúde mental dos estudantes, atrelado a todas estas problemáticas advindas com a pandemia. Dados oficiais⁷ ainda em setembro de 2020 demonstram que “após a primeira etapa, foi verificada a elevada proporção de ansiedade (86,5%); uma moderada presença de transtorno de estresse pós-traumático (45,5%); e uma baixa proporção de depressão (16%) em sua forma mais grave.” A pandemia causada pelo novo coronavírus revelou, no plano das ações educacionais, a necessidade, em relação as ações efetivas, de medidas que possam contribuir para atenuar os impactos da pandemia na comunidade escolar e juntos pensarmos em estratégias que possam minimizar tantos sofrimentos psíquicos como os decorrentes de déficits no processo de aprendizagem.

Dessa forma, dado o contexto que ora vivenciamos e junto com a adversidade de situações que nos deparamos no meio acadêmico nos debruçamos a estudar e buscar qualidade e melhorias na vida acadêmica desses estudantes, uma vez que, falarmos dos problemas que circundam o meio acadêmico é falarmos de uma série de fatores que interferem e prejudicam os processos de aprendizagem. E foi pensando em oferecer um programa de assistência frente as dificuldades que os discentes passam, o Centro de Apoio Psicopedagógico ao Estudante (CAPPE) em parceria com a Assessoria de Apoio Estudantil (AAPE) do Centro de Educação (CE), que juntos também desenvolvem o projeto Escutação Discente, tem como objetivo fazer uma escuta acolhedora e empática aos estudantes que sentirem a necessidade de buscar ajuda sobre as queixas referentes as demandas já citadas acima. Como também, com o KONEKTO:

⁷Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2020/setembro/resultados-preliminares-de-pesquisa-sobre-saude-mental-sao-divulgados>.

Programa de Promoção de Bem-Estar na Universidade, programa vinculado ao Núcleo Universitário de Bem-Estar (NUBE), objetiva fomentar a cultura da promoção do bem-estar e qualidade de vida na universidade, por meio da integração de projetos de extensão e demais ações de atores da UFPB, de forma interdisciplinar e intersetorial. E o Comitê de Inclusão e Acessibilidade – CIA, onde também prestamos serviço de orientação psicopedagógica aos estudantes.

Neste viés, pensar em estratégias e juntar esforços, tem sido uma constante por parte dos projetos acima mencionados, na tentativa de oferecer programas de qualidade de vida, ajudar nos processos de ensino e aprendizagem para os acadêmicos, bem como, oferecer atendimentos especializados frente as necessidades desta população, buscando incluir, de fato, os estudantes que apresentam déficits educacionais.

Este projeto busca estudar e compreender a grande amplitude que é o universo acadêmico, atrelando os conhecimentos científicos a uma realidade concreta que ora vivenciamos. Tendo em vista que as dificuldades encontradas no decorrer do processo formativo dos estudantes são muitas, e atrelado a estas dificuldades, nos deparamos com a redução do desempenho acadêmico, com os baixos índices de aprovação nos componentes curriculares, com o abandono de curso e muitas vezes com a evasão, como bem demonstra os estudos realizados por Ariño e Bardagi (2020). As autoras supracitadas demonstram em seu estudo, a necessidade emergente de se pensar ações para além das curativas e preventivas, pensando sempre no foco da promoção de saúde durante todo o período de formação superior.

METODOLOGIA

A construção do presente trabalho foi baseada na vivência dos autores em seus espaços de atuação que convergem no propósito de cuidado aos estudantes nos aspectos da saúde mental e do bem-estar estudantil. A atuação direta no Centro de Apoio Psicopedagógico – CAPpE e no projeto Escutação Discente promovido pela Assessoria de Apoio Estudantil do Centro de Educação, proporcionaram aos autores observações e ações que culminaram no objeto deste trabalho, e ainda na elaboração de artigos e materiais que visam esclarecer, alertar e pensar em estratégias que favoreçam ao desenvolvimento dos estudantes em sua plenitude, não só enfatizando os aspectos referentes as notas e aprovação, mas sobretudo, no conjunto integral constituinte de cada ser, o estudante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contexto da pandemia apenas evidenciou uma problemática já latente, algo que já percebíamos na nossa atividade como professores e que foi o start para dar início ao projeto em 2018. O contexto da pandemia trouxe muitas inseguranças, queixa de ansiedade, procrastinação, dificuldade em acompanhar o ensino remoto, pouco contato com os colegas, professores e professoras, com isso, o cenário tornou-se mais propício para o surgimento de dificuldades de aprendizagem, assim como de demandas de ordem emocional que interferem diretamente no processo de aprendizagem e das demais atividades acadêmicas. As ações do projeto ajudam os estudantes na tomada de decisão para buscarem ajuda especializada através da orientação psicopedagógica realizada pelo CAPPE, e por meio dos encaminhamentos que fazemos, quando necessário, para os demais profissionais da UFPB.

No decorrer do ano de 2020, trezentos (300) estudantes participaram do levantamento de suas dificuldades e anseios frente aos problemas de aprendizagem acadêmica. As características e necessidades variam muito de acordo com a vivência, experiências e estrutura emocional do estudante. Podemos afirmar que não são apenas os transtornos mentais que contribuem com o insucesso e as dificuldades acadêmicas desses jovens, mas diversas situações novas que a academia propicia, a saber: exaustão, sentimentos nihilistas, ansiedade, apatia, estresse, cansaço constante, irritabilidade, frustração, pressão social, fadiga, longas jornadas de estudo, procrastinação dentre outros. Todas estas situações podem comprometer a vida pessoal, social, acadêmica e afetiva dos estudantes e interferindo no desenvolvimento de suas atividades cotidianas. E assim, cada vez mais as exigências da vida universitária têm contribuído para um desgaste dos estudantes e este ambiente tem se tornado um grave fator coadjuvante para a presença de comportamentos negativos, doentios e nocivos para o desenvolvimento do jovem estudante.

Por meio da nossa página no Instagram (ext.cappe), passamos a produzir materiais e dicas que possibilitassem uma melhor organização nos estudos, nas atividades solicitadas pelos professores e dicas de estudo. Bem como, dar um suporte, através das tecnologias, frente as dúvidas e dificuldades que os discentes vivenciam.

Com a utilização do WhatsApp do Grupo CAPPE passamos a dar assistência em relação aos anseios, dúvidas, inquietações, preocupações e até, em alguns momentos, utilizamos este canal como forma de encaminhamentos necessários ao bom desenvolvimento psicoafetivo e acadêmico dos estudantes.

Muitas leituras foram realizadas sobre a temática em questão e ainda buscamos por informações e ações que possam minimizar tais prejuízos na vida desses jovens, buscando

alertar a comunidade acadêmica e em geral, sobre os malefícios que a educação pode trazer para esta população, que o adoecer é uma realidade no meio dos estudantes universitários, que a saúde mental é uma questão crucial para o desenvolvimento das habilidades e satisfação, bem como um dos pontos que interferem de forma substancial no desenvolvimento das atividades propostas pelos docentes e por todas as outras atividades que a academia exige. Produzimos também, na área das tecnologias de informação e comunicação (TIC's) e o uso da gamificação como um dos recursos que viabiliza a aprendizagem dos discentes. Enfim, buscamos divulgar e enfatizar sobre a importância do nosso projeto, das ações psicopedagógicas pensadas, estudadas, elaboradas e executadas em prol dos universitários que apresentam algum tipo de dificuldade ou transtorno mental que dificulte o seu processo de ensino e aprendizagem. Mostrando que o trabalho psicopedagógico é uma ação muito importante e necessária, não só como um trabalho interventivo, mas também, como uma ação preventiva, promotora e necessária aos processos que envolvem a aprendizagem humana. E sobretudo, pensar nesta parcela da população, os discentes, como uma forma de viabilizar o seu rendimento e satisfação ante aos estudos e formação acadêmica, minimizando as possíveis condutas que prejudicam e trazem sequelas para a sua vida pessoal, profissional e psicoafetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, pensar e elaborar estratégias que favoreçam a aprendizagem e ao bem-estar dos estudantes, é acima de tudo, pensar nestes cidadãos como pessoas passíveis de qualquer sofrimento ou adoecimento frente as novas demandas que ora vivenciam. Uma vez que estar e permanecer na universidade é um ato de sobrevivência, onde muitos não estão preparados para os inúmeros desafios que o período formativo exige.

Chegar, adentrar e permanecer no universo acadêmico, é um sonho de muitos jovens e ao mesmo tempo é poder lidar com uma enxurrada de emoções, situações, demandas e estresses. É conviver com as diferenças sociais, psicológicas, afetivas e com os inúmeros interesses. São possibilidades de construção de novos laços afetivos, de convivências diárias com os colegas e exigências que até então não estavam acostumados. São oportunidades oferecidas e que muito atraem os estudantes, muito embora estes ainda não estejam devidamente preparados.

Assim, vivenciar e colocar em prática os projetos aqui mencionados: CAPpE, EscutAção Discente, NUBE, KONEKTO e CIA, tem sido uma grande experiência e oportunidade de aprendizagens. É oportunizar a toda a comunidade acadêmica, pensar e estar

juntos em prol de uma educação mais humanizada, voltada para as reais necessidades de mercado de trabalho, de inserir o estudante em seu contexto formador como co-autor de suas escolhas e participe dos processos inerentes a sua formação.

Desejamos com estes projetos e ações, contribuir e juntos viabilizar momentos de aprendizagem e crescimento pessoal, no qual docentes, discentes e técnicos administrativos possam trabalhar em comunhão de um ambiente acolhedor, possibilitador e enriquecedor para a formação dos jovens estudantes. Precisamos pensar e colocar em prática as estratégias que beneficiam o aprender e possibilitar, através de estudos e pesquisas, novos conhecimentos e a partir destes, elaborar novas ações e divulgar para que todos possam fazer parte desse processo e minimizar o máximo possível, as dificuldades advindas com o egresso dos estudantes a universidade.

Vários estudos têm sido realizados no decorrer desses três anos de experiências junto ao CAPpE, e assim, almejamos despertar em toda a sociedade acadêmica e a população em geral, um olhar voltado para estes jovens, para suas reais necessidades e problemas e assim, em parcerias, elaborar e por em prática ações de apoio e cuidado para com os estudantes e todos ao entorno do processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, E. P. **Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19.** Em Rede - Revista de Educação a Distância. v. 7, n. 1, 2020, p. 257-275. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 10 out. 2020.

ARIÑO, D. O.; BARDAGI, M. P. Saúde mental de estudantes universitários e os fatores acadêmicos e de carreira associados. In SOARES, Adriana Benevides; MOURÃO, Luciana; MONTEIRO, Marcia Cristina. O estudante universitário brasileiro: saúde mental, escolha profissional, adaptação à universidade e desenvolvimento de carreira. Vol. 2. Curitiba: Appris, 2020

BARROS, A. da S. X. Expansão da educação superior no brasil: limites e possibilidades. Educ. Soc., Campinas, v. 36, n. 131, p. 361-390, abr./jun. 2015.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) Censo da educação superior 2017 ± resumo técnico, 2019.

SILVA, M. G. da; CONCEIÇÃO, S. G. da. Diferenças e desigualdades: o curso de Administração na UFAM. **Desigualdade e diferença na universidade:** gênero, etnia e grupos sociais populares, Rio de Janeiro, 2006.



TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G.; WOTTRICH, S. H.; OLIVEIRA, A. M. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Rev. da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, V. 12, N. 1, P. 185-202, 2008.

PAINEL TIC COVID-19 – 3ª edição, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. Disponível em:
https://cetic.br/media/analises/painel_tic_covid19_3edicao_coletiva_imprensa.pdf.
Acesso no dia 28 de julho de 2021.